

Cadeira nº 64 – Patronesse

## Maria Augusta Generoso Estrela



1860 – 1946

Helio Begliomini<sup>1</sup>

Maria Augusta Generoso Estrela nasceu aos 10 de abril de 1860, na cidade do Rio de Janeiro. Era filha de portugueses, Maria Luiza e Albino Augusto Generoso Estrela, rico comerciante português. Teve uma educação elementar esmerada no internato do Colégio Brasileiro e, com apenas 13 anos, interrompeu os estudos e viajou a Portugal, onde por seis meses permaneceu no colégio Villa Real, no Funchal, destacando-se por sua inteligência. No mesmo ano retornou ao Brasil, numa acidentada viagem a bordo do vapor *Flamsteed*.

Após três dias de viagem no mar, os passageiros acordaram às seis da manhã com um estrondo motivado pelo abalroamento do *Flamsteed* no couraçado inglês *Blorimphon* por imperícia do capitão. A colisão destruiu os camarotes da família Estrela e do próprio capitão Brown. Por milagre, Maria Augusta nada sofreu, pois, embora o pai havia pedido que permanecesse no aposento, ela, aflita, fora encontrá-lo, evitando a tragédia.

O navio *Flamsteed*, apesar de avariado, continuou a navegar. Por insistência de vários passageiros e, sobretudo de Maria Augusta, o capitão enviou pedido de socorro ao navio *Blorimphon* e todos se salvaram. O fato teve repercussão internacional e Maria Augusta, ao desembarcar no Brasil, foi homenageada pelo heroísmo, não somente por oficiais ingleses do *Blorimphon*, mas também por seus conterrâneos.

---

<sup>1</sup> Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob o patrono de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Em 1874 voltou a ser interna do Colégio Brasileiro. Aí lia revistas e jornais, principalmente dos Estados Unidos da América (EUA). Chamou-lhe atenção, num desses periódicos, a foto e a biografia de uma jovem que estudava medicina em Nova Iorque.

Mostrou a reportagem ao seu pai e demonstrou seu desejo de se formar em medicina. Como no Brasil as faculdades não permitiam o ingresso de mulheres, ela insistiu para que seu pai lhe permitisse estudar no exterior, a fim de clinicar no Brasil.

Assim, em 1875, partiu do Rio de Janeiro, no navio *South America*, rumo a Nova Iorque. Nos EUA requereu prestar exames na *New York Medical College and Hospital for Women*, situada na *Lexington Avenue*. Porém, o requerimento foi indeferido porque os estatutos exigiam idade mínima de dezoito anos para o ingresso na faculdade, e ela tinha apenas dezesseis.

Não desanimando, fez nova petição para expor oralmente seus motivos para se matricular. Perante médicos, médicas e alunas da instituição, questionou o indeferimento de sua petição. Sensibilizados com sua argumentação, os membros da congregação marcaram os exames para o mês seguinte. Brilhante, inteligente e preparada, não deixou dúvida aos examinadores e foi aprovada com distinção.

Na semana seguinte, em 17 de outubro de 1876, matriculou-se no *New York Medical College and Hospital for Women*. Neste ínterim, infelizmente, a Companhia Bristol, representada por seu pai no Brasil, quebrou e ele não tinha mais condições de mantê-la em Nova Iorque.

Desde o início seus passos foram acompanhados pela imprensa brasileira, que publicava relatos periódicos de sua vida acadêmica e pessoal no exterior. Porém, ao tomar conhecimento da situação, o imperador D. Pedro II ordenou por decreto, em 1877, a constituição de uma bolsa suficiente para pagar a faculdade (100\$000 réis por mês) e cobrir gastos gerais (300\$000 réis por ano).

Maria Augusta concluiu o curso em 1879, mas não tinha a idade exigida pelos estatutos da faculdade para receber o diploma. Assim, aguardou dois anos para completar a maioridade e receber o grau de doutora em medicina.

Somente em 1879 o Governo Brasileiro abriu as instituições de ensino superior às mulheres, em decorrência da Reforma Leôncio de Carvalho, pelo Decreto nº 7.247, de 19 de abril, embora as jovens que seguiam esse caminho ficassem sujeitas a pressões e a desaprovação social.

Os últimos meses de estudos, em 1879, foram trágicos para Maria Augusta, que, ao realizar uma necropsia, feriu-se outra vez, acidentalmente, com o bisturi. A inflamação desta vez instalou-se de imediato e o tratamento foi penoso e demorado.

Em agosto de 1880, outro duro golpe do destino a atingiu: a morte de seu pai – o amigo, incentivador e admirador de todas as horas.

Durante a espera do diploma, Maria Augusta frequentou cursos e estagiou em vários serviços médicos de Nova Iorque. A ela se juntou uma segunda jovem e colega de faculdade, Josefa Agueda Felisbella Mercedes de Oliveira. As duas fundaram em 1881, em Nova Iorque, um jornal denominado “A Mulher” – destinado aos interesses e direitos da mulher brasileira.

Maria Augusta recebeu o diploma de doutora em medicina do *New York Medical College and Hospital for Women*, na *Association Hall of New York*, em 1881, sendo ela oradora da turma. Foi agraciada com uma medalha de ouro pelo melhor desempenho durante o curso e por sua magnífica tese: **Moléstias da Pele**.

Permaneceu mais um ano nos EUA, autorizada por D. Pedro II. Desembarcou no Rio de Janeiro e, em meio a muitas homenagens, foi recebida em audiência especial pelo Imperador do Brasil que a aconselhou a se dedicar ao atendimento de senhoras, obtendo seu comprometimento.

Segundo sua biógrafa Yvonne Capuano<sup>2</sup>, “Maria Augusta submeteu-se aos exames na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro para validar seu diploma, conforme determinava a Reforma de 1832. Não haveria obstáculos, pois estudara e estagiara o suficiente para não temer uma banca examinadora. Dominava quatro idiomas: inglês, francês, espanhol e alemão, e estava preparada para a arguição. Encontrou, nessa ocasião, várias alunas matriculadas no curso de medicina, pois as portas do ensino haviam sido aberta em 1879 às jovens brasileiras. Sentiu-se gratificada pelo sacrifício e luta de anos, distante do Brasil”.

Com o diploma validado, passou a clinicar e servir de exemplo para que outras jovens se matriculassem em cursos superiores.

Foi a primeira mulher do Brasil a receber um diploma de medicina, em Nova Iorque (1881), e seu exemplo contribuiu para a abertura das faculdades às jovens do nosso país.

Em 1884, dois anos depois de seu regresso, conheceu o alagoano Antonio Costa Moraes, de 38 anos, formado em farmácia pela Universidade de Leipzig e proprietário da Farmácia Normal. Apaixonados, casaram-se no mesmo ano. Nessa época, Maria Augusta mantinha um pequeno consultório onde ostentava, na fachada, orgulhosamente, a placa: “*Dr. Maria Augusta Estrela*”. Seu marido ciumento, muitas vezes tentou fazê-la largar a profissão. Firme nas decisões, ela continuou clinicando, mas, para tranquilizá-lo, passou a fazê-lo numa das salas da farmácia, onde várias receitas eram formuladas por ela. A clientela era imensa; dedicava-se às mulheres e às crianças, atendia gratuitamente aos que não tinham possibilidade de remunerá-la. Desse conúbio nasceram cinco filhos: Samuel, Matilde, Bárbara, Luciano e Antonio.

Maria Augusta ficou viúva em 1908, obrigando-a a reduzir o atendimento médico para se dedicar mais aos filhos, porém, nunca abandonou completamente os estudos e o contato com clientes. Muitas vezes era chamada para discutir entre colegas um caso de difícil diagnóstico, o que conseguia com brilhantismo e facilidade. Lia assiduamente, sendo esse o seu passatempo predileto. Manteve-se lúcida até a idade propecta, o que se expressava pela vivacidade dos seus olhos azuis.

Maria Augusta Generoso Estrela faleceu subitamente, em 18 de abril de 1946, aos 86 anos, enquanto conversava com a família. Deixou um lugar na história pela luta na defesa de ideais femininos<sup>3</sup>. Seu nome é honrado como patrono da cadeira nº 64 na augusta Academia de Medicina de São Paulo. Dá nome a uma rua na cidade de Poços de Caldas (MG) e a uma rua na cidade de Porto Alegre (RS).

---

<sup>2</sup> Yvonne Capuano foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo durante um mandato bienal entre 2009-2010. É a primeira ocupante da cadeira nº 64 sob o patrono de Maria Augusta Generoso Estrela.

<sup>3</sup> Seis anos depois de sua formatura no exterior, Rita Lobato Velho Lopes tornou-se a primeira mulher brasileira a receber o grau de médica, no Brasil (1887). Essas pioneiras encontraram muitas dificuldades para se afirmar profissionalmente e várias delas estiveram sujeitas ao ridículo.